



Jornal de



CASTANHEIRA DE PÊRA

MENSÁRIO REGIONALISTA INDEPENDENTE

FREGUESIAS
DE CASTANHEIRA DE PÊRA
E COENTRAL

Director: HERLÂNDER MACHADO

Director-adjunto: ANTÓNIO JOSÉ DE MATOS

Administrador: BELARMINO H. CORREIA

Chefe de Redacção: NIQUELINO FERNANDES

Administração e Redacção: Valinho — Castanheira de Pera

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

13

EDITORIAL

Porque foram 13 os participantes na Última Ceia de Jesus Cristo, a superstição popular, motivada pela forte impressão causada pela dramática traição de Judas Iscariote, criou um temor instintivo por esse número, tornado, assim, aziago. Mas isso só aconteceu nas comunidades cristãs.

Nos povos orientais, o número 13 até é objecto de veneração especial, como acontece na Índia, na China e no Japão.

Seja como for, FASTO ou NEFASTO, a verdade é que este exemplar do JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA tem o número 13. E com ele se completa um ano de normal publicação deste MENSÁRIO REGIONALISTA INDEPENDENTE.

Nós não somos supersticiosos... Quando mais não seja, por nos lembrarmos daquele pensamento que Pitigrili deixou no seu livro "A Decadência do Paradóxo" e que, de memória, aqui registamos:

— "Não se deve ser supersticioso porque dizem que isso dá azar".

Diz um provérbio italiano que "Se non è vero è bene trovato", isto é, se não é verdadeiro é bem achado.

Não cairemos na superstição e, pelo contrário, este número 13 será para nós, um renovar de esperanças.

Passou um ano!

Chegam-nos palavras de incitamento, de estímulo, de apreço cativante e, ainda, de crítica construtiva.

Bem hajam!

Ficamos gratos a quantos assim se nos dirigiram.

A mensagem REGIONALISTA e CULTURAL que nos propusémos manter ao serviço de todo o Concelho — e, portanto, das suas duas freguesias — tem encontrado receptividade que muito nos compensa das canseiras, dos desafios divisionistas e das desagradáveis tricas demolidoras de quem não consegue separar simpatias de antipatias pessoais, nem doutrinas partidárias de ideais do Bem Comum... denegrindo ou exaltando isto ou aquilo, ao sabor dos ventos.

Coerência é a nossa directriz.

Amor à terra é o nosso sentimento.

Doa a quem doer!

E, se Deus quiser, vamos continuar, aproveitando os dados da experiência, com determinação e com realismo.

Vejamos, se efectivamente, o número 13 dá azar... ou sorte.

Quanto a nós, a vida do JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA só dependerá do ânimo de quem nele trabalha e da vontade dos povos do nosso Concelho.

H. M.



Ai, credo!...

(Quadro de Malk)

Jornal de
CASTANHEIRA DE PÊRA

**É, EFECTIVAMENTE
UM JORNAL
CASTANHEIRENSE**

FIGURAS DO CONCELHO

DR. MANUEL DINIZ HENRIQUES



É o Dr. Manuel Diniz Henriques uma das figuras mais distintas de tantas que o concelho de Castanheira de Pera se honra de ter no seu magnífico historial.

Homem de acção e de espírito brilhantíssimo a ele fica devendo Castanheira de Pera, possuir luz eléctrica, muito antes da maioria das grandes cidades portuguesas.

Foi em sua propriedade que, por sua amabilidade, estiveram instalados gratuitamente durante dez anos, os Paços do Concelho.

A lápide que em 1964 foi des-

PIONEIRO
NA
ELECTRIFICAÇÃO
DA VILA DE
CASTANHEIRA DE PÊRA

cerrada na vila demonstra bem que Castanheira de Pera jamais poderá esquecer este seu ilustre filho.

Em 1914, quando o Governador Civil de Leiria veio presidir às cerimónias de inauguração do novo Concelho de Castanheira de Pera, proferiu significativas, palavras de apreço pela acção desenvolvida, extra-oficialmente, pelo Dr. Manuel Diniz Henriques. Então foi devidamente salientado o facto de, nesse dia 4 de Julho de 1914, os Paços

FUNDOU EM 1914

O PRIMEIRO

Jornal de Castanheira de Pera,

com o nome de

O RIBEIRA DE PÊRA

do Concelho terem ficado instalados numa bela casa pertencente ao Dr. Manuel Diniz Henriques que, afinal, nem pertenceu à Comissão Instaladora do Concelho.

Num parêntesis, registaremos aqui os nomes das pessoas que faziam parte da Comissão Instaladora do Concelho, nomeada por Decreto publicado no Diário do Governo n.º 151 de 1914: Doutor Eduardo Pereira da Silva Correia, José Sebastião da Gama, José Simões, José Henriques Lopes, Serafim Fernandes, Manuel Filipe Tomaz, Manuel

Fernandes de Carvalho, Joaquim Fernandes Dias, Manuel Antunes Ceppas, João Domingues Rosa, Augusto Alves Pereira, João Henriques Fernandes e Celestino Henriques Assumpção.

Foi Dr. Manuel Diniz Henriques quem fundou e dirigiu nesse mesmo ano de 1914 — de oiro para Castanheira de Pera — o primeiro jornal desta terra.

Cont. na pág. 11



No Coentral Grande, ainda existe a bela casa que pertenceu ao Dr. Manuel Diniz Henriques.

REVISTA TÉCNICA

TIRAGEM: 2 500 exemplares

REDAÇÃO: Dr. Herlânder Machado (director) e Dr. António José de Matos (director-adjunto) * **REDAÇÃO:** Niquelino Fernandes (chefe de Redacção) e Amadeu de Almeida (subchefe de Redacção) * **ADMINISTRAÇÃO:** Dr. Belarmino Henriques Correia * **PUBLICIDADE:** Dr. Jorge Pimentel Ladeira (chefe) * **PROPRIEDADE:** Dr. Herlânder Machado * **COLABORADORES:** Albino Dias Pereira de Oliveira, António Alves, António de Jesus Ramos, Eralma, Fernando Costa, Gualter Alves dos Santos, Helder Machado, Joaquim Cardoso Duarte, José Manuel Bernardo, Eng.º José Manuel Machado Fernandes, Dr. Manuel José Nogueira da Costa, Manuel Simões Coelho (Castelo), Miguel Trevim, o Livre e Zilda Candeias Varandas * **COLABORADORES ESPECIAIS:** Nuno Bermudes (escritor), Amândio Rodrigues (jornalista), Estanislau Inocêncio, Fernando Camarinha, Clímaco Soares de Abru e José Pádua (artistas plásticos) * **CORRESPONDENTES:** **Camelo** - Jorge Bernardo das Neves, **Carregal** - Albino Nunes, **Coentral** - José Alves, **Fentão** - Porfírio Cepas, **Gestosa Cimeira** - Aníbal Tavares, **Moita** - Rui Santos, **Palheira** - Adelino Marques, **Pêra** - Pompílio Antunes, **Sapateira** - Gualter Fernandes, **Medas** - Arlindo Silva, **Troviscal** - Isaltino Conceição e **Vilar** - Aires Henriques Estevão * **MAQUETAGEM:** Dr. Herlânder Machado e Helder Machado Barata * **DELEGAÇÃO:** Rua da Palma, 163 - 1.º Esq. - 1100 LISBOA * **COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:** NOVELGRÁFICA, LDA. - Rua Capitão Salomão, Telef. 25299 - 3500 VISEU.

SEDE, REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : VALINHO - APARTADO 13 - 3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

**O HOMEM SONHA
A OBRA NASCE!**

gornal de
CASTANHEIRA DE PÊRA

COMPLETA UM ANO
de regular publicação

OS RESPONSÁVEIS
por este jornal
agradecem todo
o estímulo recebido
e fazem homenagem
a quem os precedeu.



O ADMINISTRADOR
DR. BELARMINO H. CORREIA



O CHEFE DA PUBLICIDADE
DR. JORGE PIMENTEL LADEIRA

O DIRECTOR

DR. HERLÂNDER A. MACHADO

**EM 1914 O DR. MANUEL
DINIZ HENRIQUES
fundou o primeiro jornal
do Concelho. Chamou-lhe**

RIBEIRA DE PÊRA

O DIRECTOR-ADJUNTO

P. DR. ANTÓNIO J. MATOS

**EM 1937
O DR. JOSÉ FERNANDES DE CARVALHO
FUNDOU, COM EDUARDO SILVA, NOVO
JORNAL
A QUE FOI
DADO
O TÍTULO DE**



Eduardo Silva, em 1937



DR. JOSÉ FERNANDES DE CARVALHO
EM 1937

O CHEFE DE REDACÇÃO

NIQUELINO FERNANDES

Castanheirense

AUTOMÓVEIS DE ALUGUER
PRAÇA VISCONDE DE CASTANHEIRA DE PÊRA

PROPRIETÁRIOS	TELEFONES
ANTÓNIO REDONDO DA COSTA	Praça — 44358 Res. — 44358-E
ANTÓNIO DA SILVA CAETANO	Praça — 44241 Res. —
ISALTINO DA CONCEIÇÃO	Praça — 44492 Res. — 44371
JOSÉ ALVES HENRIQUES EIRAS	Praça — 44241 Res. —
JOSÉ DAS NEVES BERNARDO	Praça — 44241 Res. —
MANUEL ALMEIDA NEVES	Praça — 44154 Res. — 44333
MANUEL SIMÕES	Praça — 44154 Res. — 44323

SERVIÇO PERMANENTE PARA O PAÍS E ESTRANGEIRO

AMÍLCAR SANDINHA
Advogado
Arganil — Lousã

Telefs.
Escrit. 99 172
Resid. 99 436

As Sextas-feiras
em Castanheira de Pêra
Telef. 44373

MINI MERCADO
ESTRELA DA AVENIDA
De Ilda Maria T.F. Paulo

Peixaria, Charcutaria, Frutaria, Mercaria
e Secção de Brinquedos

Av. S. Domingos
Telef. 44311

3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

AUTOMÓVEIS
Deseja comprar, vender ou tro-
car o seu Automóvel ou For-
gonete a gasolina ou a gasoil?

CONSULTE

AUTO PONTE DE ARROIOS, LDA.
DE MANUEL TOMAZ & FILHOS

Rua de Arroios, 152-A
Telefones 401 85 e 53 8034
1100 LISBOA

BALSA

ANTÓNIO FERNANDES VARANDAS

Em gozo de férias, encontra-se na sua vivenda, no lugar da Balsa, o sr. António Fernandes Varandas, acompanhado de sua esposa, e nossa distinta colaboradora, D. Zilda Candeias Varandas.

Desejamos óptima estadia.

DR. MANUEL DINIZ HENRIQUES

(conclusão da 1.ª Pág.)

Ao periódico deu o nome de RIBEIRA DE PÊRA, nome bem iz e ajustado a todos os lugares Concelho.

O que o Dr. Manuel Diniz Hen- ues pensava sobre o título ade- ado a um jornal concelhio, dei- u ele escrito, anos mais tarde, nas lunas do novo jornal O CASTA- HEIRENSE, logo no seu primeiro mero, publicado em 1 de Janeiro 1937, na secção que ali manteve n o título de "AQUI ME TEN- S, sr. Eduardo Silva".

«Como é sabido, fiz publicar u O RIBEIRA DE PÊRA, duran- mais de dois anos, periódico que da hoje existiria se não fossem dificuldades de pessoal, as mi- as demasiadas ocupações d'então o facto de ser eu quem quasi ex- istivamente tratava os assuntos e nele eram publicados.

Com «O Castanhirensense» não vede assim porque à frente do smo se colocam pessoas briosas, e decerto pensaram devidamente caminho que tem de trilhar e o e lhes convém para honrarem os s nomes. Oh. Sr. Silva, olhe que ir para o público.

É lugar d'onde todos nos podem eciar e aí do periodico ou jornal e não é apreciado, pois é o mau al da sua falta d'importancia, s os que se entregam á publi- le é que não podem devidamen- apreciar-se a si mesmos, sob pe- de caírem esmagadoramente no 'culo. E pessoalmente é quasi pre perigoso apreciar os outros, de que a apreciação se não faça mpanhar de factos bons.

Por hoje só quero acrescentar (o que já lhe disse particularmente) que não me agrada muito o título do Periódico.

«O Castanhirensense» é um restrictivo, que além d'esta acanhada significação é um termo muito corriqueiro: Usa-se em toda a parte e em toda a parte é muito vulgar.

N'outra parte seria mais aceitável, na Castanheira, que sem faltar à verdade, é por assim dizer constituída por toda a zona denominada Ribeira de Pera o termo Castanhirensense não diz tudo».

Foi o Dr. Manuel Diniz Henriques uma grande figura do Concelho de Castanheira de Pêra, por isso lhe rendemos homenagens.

A sua obra merece ser evocada, agora que, esquecidas as rivalidades pessoais da sua época, pode ser objectivamente apreciada, sem quaisquer envoltimentos emocionais.

Nascido no Coentral, fez-se homem de cultura com talento e trabalho e soube servir os ideais de Progresso no concelho que ajudou a criar.

H. M.

SAPATEIRA CARLOS MENDES DOS SANTOS

Após algum tempo de internamento num hospital de Coimbra, já se encontra na sua residência, na Sapateira, o sr. Carlos Mendes dos Santos, nosso dedicado amigo e activo membro da Direcção do Clube União Sapateirense, onde exerce a função de vice-presidente.

Desejamos-lhe rápido restabelecimento.

GESTOSA

ASSOCIAÇÃO CULTURAL E RECREATIVA

Foi uma página brilhante para o historial de todo o concelho de Castanheira de Pêra, a que se escreveu na Gestosa, por feliz iniciativa da Associação Cultural e Desportiva das Gestosas.

Nos dias 13, 14 e 15 de Agosto

de 1983, a Gestosa esteve em festa, a propósito da inauguração da Sede e do Parque de Jogos daquela colectividade regional.

Houve um pouco de tudo: — Bailes, Desporto (teve interesse o Torneio de Futebol de Salão e o

Torneio de Sueca), um concorrido almoço de confraternização e Folclore.

Em 13 de Agosto, realizou-se a «1.ª GRANDE NOITE DE FOLCLORE DA COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS», na qual participaram, os Ranchos de:

- Gestosas
- Souto Fundeiro
- Arega
- Casa do Povo de Pedrógão Grande

— NEVEIROS DO COENTRAL. Inaquecível foi o caloroso acolhimento dado pelo povo da Gestosa aos ranchos visitantes, em especial ao Rancho Folclórico Neveiros do Coentral.

No dia 14 de Agosto o Rancho Infantil da Gestosa honrou o Coentral com a sua visita de retribuição e com a sua promissora actuação.

Regista-se o brilho da participação dos NEVEIROS DO COENTRAL e o bom nível do Rancho da Casa do Povo de Pedrógão Grande.

Merecem felicitações os organizadores deste 1.º Festival de Folclore da Comarca.

LUGARINHOS

FALECIMENTO MARIO HENRIQUES LOURENÇO



Mário Henriques Lourenço contava apenas 28 anos de idade. Era muito estimado.

Deixou duas filhas ainda de tenra idade — Ana Cristina e Délia Maria.

Jornal de Castanheira de Pêra apresenta condolências à família.

Quando, no passado dia 3, seguiam de motorizada para uma festa desta Região, o Sr. Mário Henriques Lourenço e sua esposa D. Délia Lourenço, foram vítimas de um grave acidente de que resultou a morte do primeiro e fortes ferimentos para sua mulher.

RECTIFICAÇÃO

Embora se tenham registado outras gralhas no N.º 12 deste jornal, rectificamos apenas, neste N.º 13 as que se referem ao artigo histórico UMA SENTENÇA DE AFONSO V.

Onde se lê Século IV, leia-se Século XV e onde se lê friza, leia-se frieza.

ERRADO NO MOMENTO CERTO O IMPREVISTO ACONTECEU

O povo das Sarzedas de S. Pedro e, por natureza, ordeiro, honesto, trabalhador e humilde. Porém, viu-se na necessidade de, nos últimos dias de Setembro, resolver uma situação um pouco anómala e que a Câmara Municipal já deveria ter resolvido. Por isso se entende que lhe cabem as culpas do que aconteceu nas Sarzedas de S. Pedro no passado dia 24 de Setembro. Mas vamos contar o sucedido:

Há já alguns anos que a Câmara Municipal mandou proceder ao alargamento e calcetamento das ruas das Sarzedas de S. Pedro. Foi um significativo melhoramento mas não ficou completo. E se não ficou obra acabada foi apenas por não se ter mandado cortar um simples ângulo de um muro, que impedia a passagem de viaturas dos bombeiros para o combate aos incêndios que

ameaçassem as casas daquela localidade.

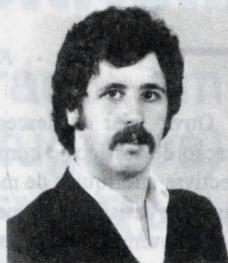
Tal já se verificou há uns escasos anos, quando um violento incêndio deflagrou ao fundo da povoação. E desde então tem-se feito notar tal deficiência. Mas, infelizmente, em vão.

No número 6 deste jornal (28 de Fevereiro de 1983), o autor destas linhas também fez referência a essa anomalia. Foi brado no deserto!

E no passado dia 24 de Setembro, como surgiu forte ameaça para esta localidade com um incêndio assustador, o povo das Sarzedas de S. Pedro, reunido como se fosse um só homem, demoliu aquele estorvo.

Espera agora que a Câmara Municipal mande proceder ao alinhamento da rua.

FONTÃO NOVO MÉDICO



DR. ANTÓNIO MANUEL ANTUNES CORREIA

Na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, concluiu a sua licenciatura, no passado dia 28 de Julho de 1983, o sr. Dr. António Manuel Antunes Correia.

O novo médico é filho do sr. Isaías Fernandes Francisco Correia e da sra. D. Dília Figueiredo Antunes, do lugar do Fontão, do concelho de Castanheira de Pêra.

Ao trabalho e talento do novo médico, juntou-se o espírito de sacrifício e o apoio de seus pais que, com a generosa nobreza do seu afecto e mesmo com a humildade dos seus recursos materiais, conseguiram facultar a seu filho, as condições necessárias para a concretização da sua vocação estudantil.

O Jornal de Castanheira de Pêra apresenta as mais calorosas felicitações ao sr. Dr. António Manuel Antunes Correia e a seus pais, pela brilhante formatura, conseguida com altas classificações. Desejamos os maiores êxitos na esperançosa carreira que está a ser iniciada pelo novo médico e, com as nossas sinceras homenagens, formulamos votos de felicidades para si e para seus pais.

FALTA DE ESPAÇO

Não podemos publicar neste número vários artigos que desejaríamos ter incluído.

Do facto pedimos desculpa aos nossos leitores e também aos autores desses escritos.

Atelier

VOLTA DA ESTRADA

(Frente ao Posto de Gasolina SHELL)

CASTANHEIRA DE PÊRA



Residência
Av.ª S. Silvestre
Telefone 99405
LOUSÃ

REPORTAGENS DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS, etc.
com apresentação de provas a cores horas depois
REVELAMOS OS SEUS ROLOS A CORES EM 24 HORAS

Indústria e Comércio
de Madeiras

Telefone 036-4 54 95

SERRAÇÃO PEDROGUENSE, LDA.

Madeiras em Tosco, Aparelhadas, Tacos, Caixotaria
Lenhas e Materiais de construção
Agentes da CIMPOR, Cimentos de Portugal, EP

MÓ PEQUENA

3270 PEDRÓGÃO GRANDE

LABORATÓRIO DE ANÁLISE CLÍNICAS

BIOQUILAB, LDA.

Dir. Técnica: ALDA BRANCO GAMA
Licenciada em Farmácia — Especialista

Em Castanheira de Pêra todos os dias às 9 horas na Rua João Bebiana

Telef. 4 22 86

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

AGÊNCIA FUNERÁRIA

CHITAS

de
Aurora da Silva
Tomás
CHITAS

Telef. 44467
SARZEDAS DO VASCO
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA



fábrica de meias e luvas

MANUEL ALVES BARATA, LDA.

TELEFONE 44402 — COENTRAL — 3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

UNIDADE INDUSTRIAL
FUNDADA
EM 1920

DESENVOLVIMENTO REGIONAL!!!!... PARA QUANDO?

FAUSTO NEVES

Ouvir falar de descentralização administrativa, desconcentração de serviços e competências, dotação aos autarcas e respectivas autarquias de meios materiais e financeiros que permitam dar satisfação às necessidades a que são solicitados e às quais devem dar seguimento, em suma, "tratar" o problema do regionalismo em Portugal, é algo a que já nos habituámos.

Sempre que um ministro, ou qualquer outro membro da administração central, saem de Lisboa e se "passeiam" pelo interior do país, lá escutam-nos o mesmo raciocínio, as mesmas palavras, as mesmas promessas, e também, infelizmente, a mesma vontade política de as concretizar. As obras, os feitos, esses são bem poucos! Não sendo de maneira nenhuma nossa intenção criticar infundadamente, sugerimos, aos nossos leitores, que percorram o interior do país, para que possam constatar as mudanças realizadas durante toda uma década, em matéria tão importante como é o desenvolvimento regional.

Desenvolver as regiões não é só falar delas, talvez isso seja o menos importante, quando se pretende desenvolver o país de uma forma harmónica e equilibrada, tem de se tomar medidas concretas. Medidas concretas exigem legislação adequada, legislação com possibilidades de aplicação prática, em suma, legislação que tenha em conta as circunstâncias reais do país. Não nos esqueçamos que a lei só é útil quando pode ser aplicada, caso contrário, não é mais que uma peça solta numa engrenagem que não funciona já como devia. Citemos como exemplos, bastante elucidativos, a lei das autarquias locais, a lei das finanças locais, e, mesmo, a lei

que prevê a criação de regiões plano, que só não lograram razoável aplicabilidade (e algumas mesmo nenhuma, como é o caso das regiões plano — nem mesmo a sua elevação a preceito constitucional lhe valeu maiores atenções e cuidados dos nossos parlamentares) porque desajustadas à realidade nacional, desajustadas, em concreto, à realidade financeira do estado português cuja capacidade económica de arranque é inferior a zero.

A talhe de foice, cabe aqui perguntar... Será que alguma vez já se fez um estudo, uma análise pormenorizada das características de cada região para que se pudessem enveredar por um caminho seguro e con-

creto? Será que, à boa maneira portuguesa, não é tudo projectado "em cima do joelho"? Será que o desinteresse e a indecisão não se sobreporão à necessária vontade política?

Quando ouvimos a nossa classe política responder a perguntas semelhantes a estas, que acima formulamos, escutamos sensivelmente o seguinte: — Evidentemente que está feito um estudo, e que para o seu desenvolvimento e concretização criamos um departamento governamental (1). Envidados os esforços necessários, os projectos estão em curso—.

Caros e ilustríssimos dirigentes, deste ilustre povo Luíada, não é nas arcadas da Praça do Comércio, virados para o Tejo e aguardando alguma inspiração quincentista ou alguns réditos da famigerada rota do Cabo (que já findou, para nós, há mais de três séculos, e que tão mal aproveitada foi, precisamente porque os ilustres dirigentes de então se "esqueceram" — já nessa altura se esqueciam — que tinham atrás de si uma nação para desenvolver e um povo para enriquecer... bom!... Isto é outro problema, que não vamos agora abordar, numa ocasião futura, talvez o venhamos a fazer) que se resolvem os problemas com que se debatem as regiões do nosso país. Esses problemas combatem-se com a conjugação de um determinado número de medidas concretas, que terão de passar indubitavelmente pela diversificação do nosso parque

industrial a nível das regiões do interior, e modernização e viabilização do já existente, pelo melhoramento das nossas vias rodoviárias e ferroviárias do interior Norte do país (se no primeiro caso alguma coisa se vai fazendo, no caso das vias ferroviárias todos estão lembrados certamente da polémica provocada pelo projecto de encerramento de algumas das principais artérias por onde corre o produto económico de uma das regiões tão ricas como é o norte do Vale do Tâmega, para já não falar nos prejuízos sociais decorrentes do quase isolamento das populações que aí vivem) e ainda pela diversificação dos estabelecimentos de ensino médio e superior no interior do país. Mais importante sem dúvida é o desenvolvimento industrial, visto ele arrastar consigo consequências de ordem social, cultural e económica. A criação de grandes parques industriais, no interior do país (e falamos em grandes parques industriais e não nas nossas tão queridas indústrias artesanais — não que elas não sejam úteis, mas é necessário mais do que isso para desenvolver um país) provoca, de imediato um desenvolvimento demográfico, com o agregar de populações, e um desenvolvimento económico e financeiro com o aumento da produção e com o incremento das transacções comerciais que se irão realizar.

É necessário criar nas pessoas o gosto pelo interior, o gosto por viver no interior, mas para isso, é necessário, que se projectem e se ponham em execução verdadeiros e conscientes planos de desenvolvimento regional que permitam a criação de infra-estruturas e condições de vida ativas, ou seja, correspondentes à época em que vivemos. Em síntese, diremos que, é in-

dispensável a reunião de esforços e de vontades, que sendo diferentes se devem conjugar de modo a atingir um fim comum — a construção de um Portugal Novo, onde as desigualdades regionais, sociais, culturais e económicas, em termos globais, serão menores. Este objectivo será conseguido só à custa de muito trabalho, de uma grande consciência e competência da classe política nacional, bem como de uma VONTADE POLÍTICA DEFINIDA, e da superação de querelas individuais ou de grupelhos.

A construção e o desenvolvimento de Portugal, terão de passar sempre pelo desenvolvimento de todo o Portugal e não só de uma parte do território, de uma parte da população, em suma de uma parte do PAÍS.

Se todos os portugueses contribuem, com base num princípio de justiça e equidade, de igual forma (dentro das suas possibilidades relativas) para o crescimento e desenvolvimento do país, merecem de igual forma também, um tratamento e uma atenção iguais. E não é esquecendo-se que Portugal não é só Lisboa, esquecendo-se por conseguinte do resto do país, que os sucessivos responsáveis pelos destinos da nação conseguem construir um país livre e democrático.

É precisamente no terreno da DEMOCRACIA que se deve caminhar, porque é este que proporciona o normal e mais apropriado crescimento e desenvolvimento da nação; mas deve-se caminhar sempre sem perder de vista os princípios de justiça e de equidade de tratamentos para que se consiga atingir a democracia plena.

Já Eça de Queirós dizia, no final do século passado, que Portugal era Lisboa e o resto era paisagem; nun-

ca, até hoje, alguém conseguiu caracterizar tão realisticamente a vida portuguesa e o espírito provincial dos portugueses. Esta situação mudará quando nós quisermos mudar!

Só deixaremos de estar na periferia da Europa, quando, o mot económico deste país, que é o interior Norte, deixar de estar na periferia do litoral.

(1). que não fará senão consistir numa parcela mais do sempre "apertado" OGE.

DO QUE GOSTE E DO QUE NÃO GOSTO

É pela segunda vez que esta crítica volta à luz da publicidade sem querer de algum modo ferir a quem for.

Volta, porém, com a sua contribuição crítica, quando mais não seja para quebrar a monotonia em que alguém se encontra.

DO QUE GOSTEI?

?????

DO QUE NÃO GOSTO?...

— Que os bons exemplos não sejam seguidos

— Que a crítica destrutiva ainda não tenha terminado

— Que certas iniciativas que tomam não sejam publicadas para esclarecimento do povo

— Que se ouçam certas pessoas que, não fazendo nada, pretendem convencer-nos de que tudo fazem

— Que talvez seja sua intenção nada fazer de útil para a sociedade e conseguir ser nisso imitados

FERNIQU

Pinto & Brás, Lda.

EMPREITEIROS DE OBRAS PÚBLICAS

Máquinas para Terraplanagens

Fornecedores de Materiais de Construção

Telef. 92452

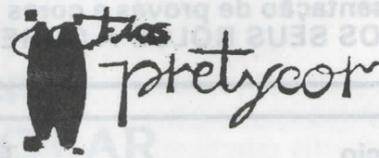
BARRAÇÃO — LEIRIA.

FIANDEIRA CASTANHEIRENSE INDÚSTRIA TÊXTIL, LDA.

IMPORTAÇÃO ● EXPORTAÇÃO

FÁBRICA DE PENTEÇÃO E FIAÇÃO DE LÃS E FIBRAS

EQUIPADA COM OS MAIS MODERNOS MAQUINISMOS



TELEFONES 4 41 01 e 4 44 79

TELEX 14686 FISCAL F

3280 CASTANHEIRA DE PÊRA (PORTUGAL)

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

GOSTARIA DE VER VOSSO RANCHO NO BRASIL!



NESTOR PEREIRA

Presidente de Honra da Casa de Portugal, da Portuguesa de Desportos e de outras colectividades de S. Paulo.

Foi um "bate-papo" gostoso aquele que, recentemente, tivemos, em Lisboa, com o Sr. Nestor Pereira e com sua mulher Dona Irma Pereira.

Ele é um português radicado no Brasil desde os sete anos de idade. É natural de Vila Real de Trás-os-Montes, onde nasceu em 15 de Maio de 1904.

Ela é brasileira, grande admiradora de Portugal e entusiástica apoiante da actividade que seu marido tem desenvolvido nos corpos directivos de várias associações portuguesas do Brasil.

O Sr. Nestor Pereira cresceu no Brasil, em trabalho e na saudade, tendo estado 42 anos sem voltar à sua terra. Bem se compreende a emoção com que, a propósito, nos contou algumas das impressões recolhidas quando os seus olhos reviram em 1953 o que tinham deixado de ver em 1911.

Após tão larga ausência, quando

já a beira dos 50 anos de idade, pôde, enfim, rever, a casa onde nasceu, verificou, surpreendido, que a enorme eira cuja imagem infantil guardara, em crescendo, na memória, durante longas décadas, em fagueira recordação, não tinha, afinal, como pensava desde criança, o tamanho de um campo de futebol... Era tão só um pequeno quadrado com menos de vinte metros de lado... E nessa sua primeira romagem de saudade à terra onde nascera e ensaiara os seus primeiros passos para depois, aos sete anos, emigrar, com os Pais, para as terras brasileiras... também deu consigo a rever o esconderijo — um simples buraco numa parede — onde a criança que ele fora depositava os vinténs que lhe davam, julgando-os ali mais seguros.

De 1911 até 1953 esteve sem saber quem efectivamente teria sido o beneficiário do seu pequeno tesouro, ali deixado escondido. E foi

-Comentou o Sr. Nestor Pereira (considerado, em S. Paulo, como o patriarca da colónia Portuguesa) ao ver na TV «OS NEVEIROS DO COENTRAL»

com ternura que, nessa sua primeira vinda a Portugal, recebeu de um amigo de infância, a confiança de que havia sido ele próprio quem tivera a sorte de achar essas moedas. Então, eles tinham-lhe dado muito jeito...

Ajudando a memória do marido, Dona Irma conta-nos mais alguns episódios vividos nessa sua primeira viagem a Portugal. E o Sr. Nestor Pereira ri com gosto a reviver enlevado...

Assim, em evocação da sua vida, passámos um serão agradável... Num boa!...

Havíamos conhecido o simpático casal através de um grupo de amigos. O Francisco de Almeida — cuja paixão pelo Brasil e, designadamente, pela cidade de S. Paulo é contagiante — foi o promotor deste encontro.

Além do calor fraterno e da graciosa narrativa de múltiplos aspectos da vida dos Portugueses no Brasil — Brasileiros é bem nosso irmão! — pudemos rever no "video tape" as duas exposições que o Rancho Folclórico NEVEIROS DO COENTRAL teve, este ano, na Radiotelevisão Portuguesa.

— Gostoso! Vosso Rancho é mesmo bom. Tem personalidade. Vê-se que tem classe, tradição e cultura. É craque mesmo, todo criques.

— E a história dos Neveiros e dos gelados do Rei é interessante à beça!

— Muito gostaria de ver vosso Rancho no Brasil!

E falou-se nas hipóteses da Varig da TAP, desde logo se passando ao sonho... já mesmo a voar para o Brasil.

— Quantos componentes têm?

— Cerca de 40

E a noite avançou num convívio ameno. Falou-se no coentralense dedicado que é o Nelson Simões Claro.

— Muito estimado, sabe? Você nem imagina quanto ele é popular. Bom moço, sim.

Nestor Pereira foi respondendo pacientemente às nossas perguntas. E Dona Irma também nos ajudou prazenteira a esta informal entrevista para o Jornal de Castanheira de Pêra.

Emigrante aos 7 anos, seu marido já trabalhava no Rio de Janeiro como copeiro. Aos 12 anos mudou-se para S. Paulo, empregando-se numa fábrica de vidros. E, como não tinha relógio, chegava muitas vezes às 3 da manhã à usina, quando a entrada era só às 6.

Da fábrica mudou para um armazém de víveres... secos e molhados... Depois foi uma vida permanente de trabalho, mesmo quando já estabelecido por conta própria.

Há alguns anos, o Embaixador de Portugal em Brasília, Adriano de Carvalho, cognominou-o de PATRIARCA DA COLÓNIA PORTUGUESA e a expressão pegou

(Até veio há meses na revista Manchete). O Governo Português já lhe concedeu uma encomenda por serviços prestado.

Naturalizado brasileiro, durante a 2. Guerra Mundial, continuou fiel ao seu portuguesismo e hoje é Vice-Presidente de todas as associações portuguesas de S. Paulo e Presidente de Honra da Portuguesa de Desportos, da Casa de Portugal, do Centro Transmontano, do Clube Português e Provedoria.

Foi um dos fundadores da Bolsa de Cereais de S. Paulo, instalada num edifício com cerca de 5 000 metros quadrados de área.

Foi de facto um inesquecível irmão de amena cavaqueira.

Além do encantador casal estiveram connosco a Manuela Machado Fernandes, a Olga Bento Almeida, o Eng. José Manuel Machado Fernandes, o Francisco Almeida, o Hélder Alves Barata, o José de Almeida e o Paulo Fernandes e mais alguns amigos.

E é evidente que todos ficaram na apetência de levar os Neveiros do Coentral às terras de Vera-Cruz — quando Deus quer!

H.A.I.



DONA IRMA PEREIRA

NOVA bateria
Tudor

selada porque não consome água

SEM MANUTENÇÃO

super-blindada
longa duração
2 anos garantia

FRINEVE

ELECTRODOMÉSTICOS

MÓVEIS · DISCOS · GÁS MOBIL

LOJAS

1 R. CONDE DE REDONDO, 62 TEL. 56 11 47 (4 Linhas) 1100 LISBOA

2 PRAÇA DO AREEIRO, 6 TEL. 88 33 11 - 80 39 34 1000 LISBOA

3 RUA ALMEIDA E SOUSA, 32 TEL. 65 62 71 - 65 64 96 1300 LISBOA

Centro Técnico

R. CONDE REDONDO, 78-A TEL. 55 65 64 - 57 43 24 1100 LISBOA

LEITARIA CASTANHEIRENSE, L. DA

CAFÉ-CHÁ-CHOCOLATE-CERVEJA AO COPO

Com estabelecimento de:
MERCEARIAS-FAZENDAS-LOUÇAS-VIDROS

Telef. 44361
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

LEIA ASSINE E DIVULGUE

O JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

DEPÓSITOS À ORDEM:

(Contas Individuais: Simples ou Conjuntas)

Saldo Até 150 000\$00 4 %
No excedente 2 %

DEPÓSITOS A PRAZO:

De 30 até 90 dias 17,5 %
De 91 até 180 dias 21,5 %
De 181 até 365 dias 28 %
De 366 até 730 dias 30 %

(Quantias com limite mínimo de 5000\$00)

CRÉDITO:

Sector Público
Predial
Industrial
Agrícola

gornal de
CASTANHEIRA DE PÊRA

Vende-se no
RESTAURANTE SNACK-BAR

Chopp-Avenida

de António Henriques Costa
(Aberto das 8 às 2 H.)

Avenida de S. Domingos
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

Telef. 44349

LEIA O JORNAL DA SUA TERRA

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA



uma presença em todo o país

TEMOS, PARA O SERVIR, 146 AGÊNCIAS E DEPENDÊNCIAS
 Consulte-nos. Dar-lhe-emos todas as informações
 e o apoio de que necessitar.

Balcões BNU mais próximos
 do concelho de Castanheira de Pera
COIMBRA GÓIS LEIRIA SERTÁ TOMAR

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
da experiência para o futuro

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

COENTRAL

SANTO ANTONIO DA NEVE NOVAMENTE EM FESTA

Desde há anos que, independentemente da romaria que anualmente tem lugar em Junho — no dia 13 e principalmente no domingo imediato — se efectua em Setembro também, no dia 8 se este recai num domingo, ou então no domingo seguinte, uma peregrinação ao Cabeço Pereiro, na área desta freguesia, de se situa a vetusta Capela de Santo António da Neve.

Nesta altura é ali celebrada a festa e seguidamente tem lugar a salutar confraternização entre os habitantes do aprazível local se destacam. Como é natural, em Setembro não se verifica nunca a afluência de pessoas que se constata por ocasião da tradicional festividade de Junho, mas de qualquer forma é sempre bastante concorrida não só por coentralenses, que em todo o ano constituem a maioria, mas também por outras pessoas de localidades circunvizinhas que de bom grado se associam.

Foi no passado dia 11 que a peregrinação de Setembro teve lugar e ano, sendo uma das mais participadas que nas mesmas condições tem realizado.

O programa foi ampliado, pois em de missa solene com cânticos teve também procissão à volta do recinto, abrilhantados por um conjunto musical de "Zé Pereira". das despesas inerentes à execução do referido programa foram gentilmente custeadas pelo Amigo e deado conterrâneo Francisco Henriques de Almeida, industrial da construção civil em disposição de meios, não dispendo de meio de transporte nem de vigor físico que se permitisse empreender a viagem a pé, quisessem estar presentes também em Sto. António da Neve naquele dia.

Foi efectivamente uma reunião de são convívio em que todos se sentiam felizes naquele maravilhoso local e que só terminou quando o sol desapareceu no horizonte. Dentro daquele espírito baírrista que caracteriza a nossa gente, que sabe aproveitar todos os ensejos para valorização do Coentral, foi organizada uma colecta entre os conterrâneos destinada ao fundo de conservação e alindamento da ermida, que rendeu alguns milhares de escudos.

Na véspera daquele dia, à noite, teve lugar no salão do Centro de Instrução e Recreio U. Coentralense um animado baile, abrilhantado por um excelente conjunto musical. Jovens, e menos jovens, dançaram e divertiram-se entusiasmadamente até altas horas da madrugada, altura em que foi servido um saboroso cacaçó acompanhado de pão quente (o padreiro trouxera-o especialmente momentos antes) e de não menos saborosa manteiga — tudo a expensas também do Amigo Francisco Almeida, a quem endereçamos um sincero Bem-Haja.

NOVOS TÉCNICOS PEDRO ALEXANDRE LOPES DA SILVA FERREIRA

Na Universidade de Londres terminou recentemente o curso de Engenheiro em electrónica o jovem Pedro Alexandre Lopes da Silva Ferreira, filho do Sr. Álvaro da Silva Ferreira e de D. Maria Helena Lopes da Silva Ferreira e neto do nosso conterrâneo e Amigo Sr. Franklim Lopes e de D. Emília Lopes.

O nável engenheiro que ultimamente passou algum tempo de férias em casa de seus Avós, no

Coentral da Barreiras, partiu já para Londres onde vai fazer estágio, findo o qual pensa regressar a Portugal para provavelmente se estabelecer no ramo da Electrónica, segundo nos confiou.

Ao Pedro Alexandre bem como a seus Pais e Avós apresentamos nosas cordiais felicitações pelos bons resultados obtidos.

ANTÓNIO AUGUSTO MACEDO TOMÁZ

Concluiu igualmente o seu curso em Engenharia mecânica no Instituto Superior Técnico, o também jovem António Augusto Macedo Tomáz, filho do saudoso conterrâneo e Amigo Manuel Tomáz, falecido há anos, e de D. América de Jesus Macêdo Tomáz, naturais do Coentral das Barreiras.

Com acentuada aplicação e esforço, pois em paralelo com a sua situação de estudante ocupou simultaneamente nos últimos anos o lugar de professor do ensino secundário, acaba assim de ver concretizado o sonho que acalentara.

Parabéns ao novo Engenheiro, bem como a sua Mãe e restante família, e um futuro promissor na vida profissional que vai encetar.

ANTÓNIO JOSÉ HENRIQUES BARATA

Também no Instituto Superior de Engenharia, em Lisboa, concluiu há pouco o curso em engenharia civil o nosso conterrâneo António José Henriques Barata, casado com D. Maria Manuela Simões F. Henriques Barata, filho do também nosso conterrâneo e Amigo Sr. José Miguel Barata e de D. Il-da Henriques Barata e genro do conterrâneo e Amigo Sr. Manuel Fernandes Miranda e de D. Maria Simões Fernandes Miranda.

Felicitemos o António José e sua família com sinceros votos de prosperidades na carreira profissional que escolheu.

A.B.



NOTAMOS A FALTA DA NOSSA BANDA FILARMÓNICA

Quando há bem pouco tempo lemos, no Jornal de Castanheira de Pera, uma entrevista conduzida pelo actual chefe de redacção com o presidente da banda Castanheirense, tudo nos levou a crer que iríamos continuar a ter a nossa banda nas nossas festas.

Surpreendidos com tal ausência, procuramos saber qual o motivo.

Grande foi o nosso espanto, quando nos disseram da sua inactividade. Não sabemos o que se passa, nem tão pouco acreditamos que se trate de um falecimento ou de um estado moribundo. Temos plena confiança nos seus executantes que tantas demonstrações de competência e baírrismo nos têm dado, pelo que só esperamos que os responsáveis pelo seu resurgimento nos dêem a possibilidade de em breve voltarmos a ver a nossa banda a passar.

Câmara Municipal de Pedrogão Grande

MOÇÃO

Acaba o concelho de PEDRÓGÃO GRANDE de sofrer aquilo a que poderemos chamar o maior ataque económico da História do Concelho.

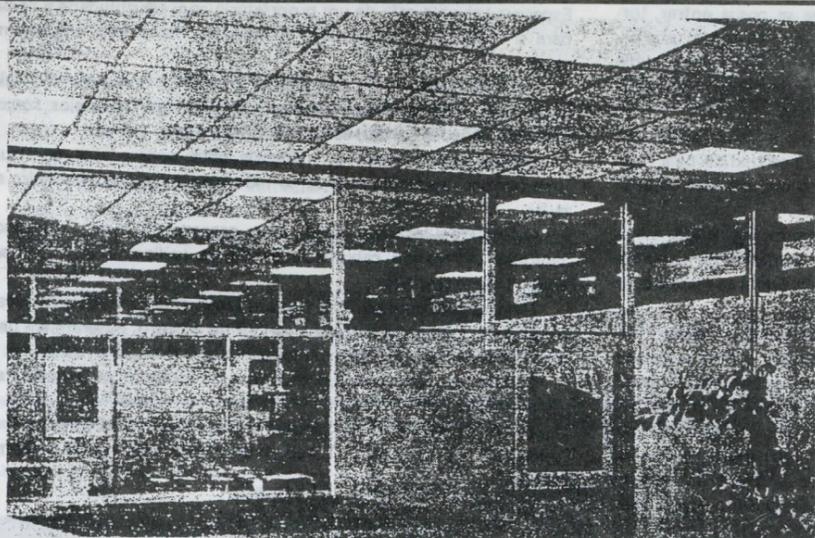
Os incêndios que devastaram nestes últimos dias, uma área florestal de incalculável extensão e valor, na Zona Centro, causaram em Pedrógão Grande particularmente, prejuízos irreparáveis.

A quantidade de floresta queimada traz grandes preocupações, quanto às possibilidades de escoamento, às gentes do Concelho, se a nível Governamental não forem dadas garantias de venda em condições de justo pagamento.

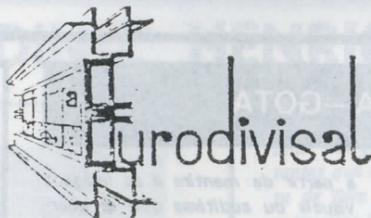
Exigimos pois do Governo que medidas urgentes sejam tomadas neste sentido e que em complemento das mesmas seja estudado em profundidade o repovoamento florestal desta região.

Mais pedimos que o Governo se debruce sobre a actual legislação de protecção às propriedades urbanas, criando uma zona de protecção que elimine a existência de árvores nas proximidades, eliminando o risco de vidas e haveres.

Aprovada em reunião da Assembleia Municipal em 26 de Setembro de 1983.



- DIVISÓRIAS AMOVÍVEIS
- TECTOS FALSOS
- PAV. FALSOS
- BIOMBOS
- MARQUISES
- PORTAS DE FOLE
- REVESTIMENTOS



COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CONSTRUÇÃO CIVIL E ALUMÍNIOS, LDA.

A TÉCNICA DO ALUMÍNIO NO MOMENTO EUROPEU TRANSFORMAMOS ALUMÍNIO PARA QUALQUER FINALIDADE E PARA TODOS OS PONTOS DO PAÍS

ESCRITÓRIO INST. FABR RUA MAESTRO PEDRO FREITAS BRANCO, 23-25 RUA CAMPO DE OURIQUE, N.º 75 — LOJA 14 TELEF. 66 92 65-60 91 30 TELEF. 65 76 69-68 73 95 1200 LISBOA 1200 LISBOA

JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA

VENDE-SE

— EM CASTANHEIRA DE PÊRA

NO RESTAURANTE CHOPP-AVENIDA

— NO COENTRAL GRANDE NO BOTEQUIM DOS NEVEIROS

— EM LISBOA

NA TABACARIA MÓNACO ROSSIO 21 NA CASA DA COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS Largo do Intendente, 45

Francisco António Lopes Ribeiro

Eng.º Técnico Civil (I. S. E. C.)

● EMPREITEIRO DE OBRAS PÚBLICAS E CONSTRUÇÃO CIVIL

● EXECUÇÃO DE PROJECTOS: MORADIAS, BLOCOS HABITACIONAIS, REDES DE ÁGUAS E ESGOTOS, CÁLCULOS DE BETÃO ARMADO, ARRUAMENTOS.

● LEVANTAMENTOS TOPOGRÁFICOS: ELABORAÇÃO, MEDIÇÕES, MARCAÇÕES, PICTAGEM.

Largo Camilo Castelo Branco, 13, 1.º

Telef. 2 29 77

2400 LEIRIA

Paisagem do QUOTIDIANO

NUNO BERMUDES

(ILUSTRAÇÃO DE JOSÉ PÁDUA)

O DURO PREÇO DA VERDADE

Vinte e sete anos decorreram depois que um marginal, nos tados Unidos, lançou vitriolo no rosto de um repórter que se tornara famoso (e incómodo) pelo desassombro e virulência com que denunciava, no seu jornal, as manobras dos sindicatos do crime do seu país.

Personificação viva desse imaginário mas tão autêntico Mike Dolan do Pão da Mentira, de Horace Mc-

Coy, porventura o ultrapassando mesmo, na sua fria obstinação de proclamar a verdade a todo o custo, Victor Riesel logo se transformou para nós, jornalistas, no símbolo de uma luta, vã que seja, contra a injustiça e o erro — ainda que em nós não exista a espantosa coragem que manteve Victor Riesel na linha de fogo, inclusive ou principalmente depois de um gangster lhe ter destruído os olhos com vitriolo.

A dor e a escuridão nada conseguiram desse valente jornalista, nem sequer lhe deram o aceitável pretexto para a desistência.

Antes pelo contrário.

Com seus óculos fumados, ocultando-lhe as pupilas destroçadas pelo ácido, ele entregou-se, mais do que nunca, à sua tarefa de combater o roubo, o assassinio, a corrupção, o crime, em suma, em todos os seus aspectos.

E a notícia de que o seu algoz aparecera morto, mais tarde, crivado de balas, talvez lhe produzisse um frémito de humana satisfação ou até, lhe tivesse proporcionado a consoladora certeza de que, pelo menos no seu caso, se cumprira o velho adágio de que o crime não compensa.

Mas Riesel sabia — e porque sempre o soubera e se não resignara, é que fora vítima da missão que se impusera — que nada, realmente, mudara à face da terra: nem com o seu inominável sacrifício, nem como castigo do homem que o cegara.

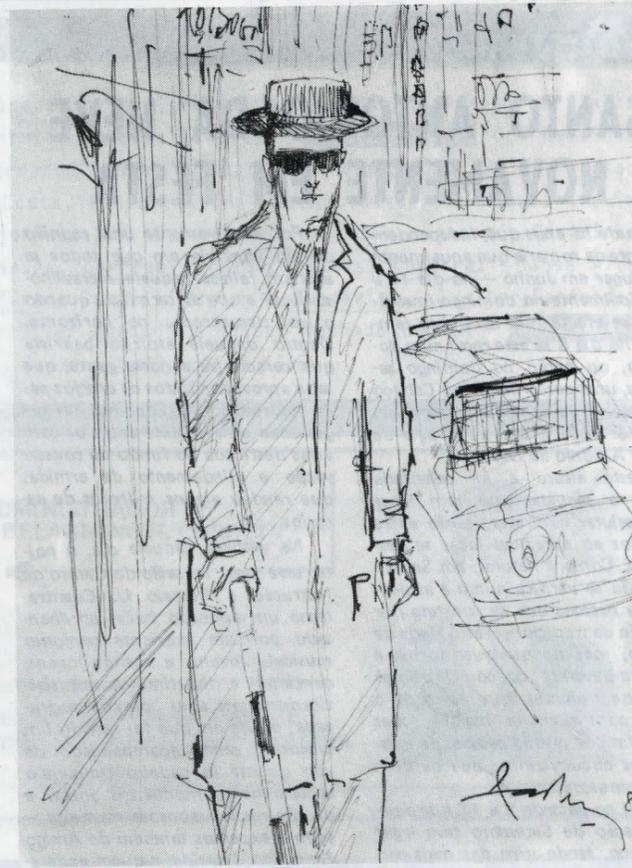
Em 1956, alguém, a mando de alguém, encerrara um capítulo da sua vida, supondo encerrar uma obra inteira — mas não passara, de jacto, de um único capítulo que chegara ao fim, o mais amargo, sem

dúvida, mas que lhe desvendara insuspeitados horizontes, ao transferir o jornalista do campo da experiência alheia para o palco que ele próprio, afinal, sem o adivinhar, desde o princípio pisara.

E Riesel voltara à tona, após o doloroso e profundo mergulho dentro da noite que passou a ser o seu dia, prosseguindo na sua luta contra os fora-da-lei do seu país, indiferente às ameaças que, de todos os lados, lhe chegavam e, aparentemente, esquecido da tragédia que o marcara para sempre.

Eis porque nós, jornalistas sem adversários realmente de peso, capazes de, a vitriolo ou a tiro, nos calarem a boca, eis porque não devemos deixar-nos adormecer à sombra dos pálidos e ressequidos louros que nos coroam a fronte, sempre que soltamos um débil gemido acima do silêncio colectivo.

Porque para nós, que mal arriscamos uma criticazinha sem importância de maior, jungando-nos, contudo, os Eças e Ramalhos deste tempo de mediocridade que tanto vendem a quem por mais alto preço o compre —, Victor Riesel é, na verdade, uma já lendário herói que, no seu combate, se ultrapassou, caiu, mas renasceu acrescido.



memórias e confidências de Miguel Trevim

O PALHEIRO



Ali, na vertente do morro, entre carvalhas seculares, aquela velha palheiro, de toscas pedras musgosas e telhas carcomidas, duas portas minúsculas, por onde só dobrando a espinha se podia entrar, tortuoso balcão de degraus irregulares grosseiramente talhados, uma pequena janela no andar superior, as paredes já fora do prumo, numa ameaça de derrocada, ilustrava, ainda assim, a atraente rusticidade de um belo recanto da aldeia serrana.

Bem perto da rudimentar construção, uma escassa centena de metros mais acima, o cemitério paroquial, meio escondido pela vegetação, contribuía para a solidão e abandono daquele harmonioso cabeço.

Circundante, a estrada demarcava o declive da caprichosa elevação do terreno, constituindo uma espécie de fronteira, de isolamento, entre o vale e o cerro planáltico onde a necrópole se escondia no arvoredo envolvente.

Virada a nascente, aquela encosta oferecia atractivo, pelas frondosas carvalhas e pelos castanheiros que tornavam o ambiente ameno, fresco, acolhedor. Ali, contrastando com o mato e com os silvedos existentes lá emriba, em redor do cemitério, o solo era atapetado por relva seca e macia. O local era convite para uns momentos de repouso, tanto servindo para improvisado parque de merendas como para acolher quem, em tarde soalheira, ali quisesse fazer um sesta ou meditar serenamente ante o grandioso espectáculo

da serra bravia, ou, ainda, dedicar-se à leitura, sob a sombra protectora das-carvalhas, fruindo aliciente brisa, em dias de forte calor.

Aquele palheiro enriquecia o cenário pela toska simplicidade, pela sugestão dos seus traços de primitivismo arquitectónico, num rudimentar quadro de Geografia Humana em que se sentia um retorno às remotas origens do povoado serrano, dominado pelos condicionalismos impostos pela própria Natureza. Dir-se-ia que ali era perceptível um toque medieval.

Tal como os antigos currais e azenhas, talvez mesmo como as mais velhas casas do povoado (cada vez mais raras pois se tem avançado estultamente na sua demolição) aquele palheiro aparecia ali como um padrão histórico, uma nota medieval, tocante, digna, simples, testemunho respeitável.

Exemplo de primitiva arquitectura popular, de nada servia já. Esperava talvez o zelo de um proprietário com sensibilidade e posses para o restaurar e tornar útil, mantendo-o decorativo, em autenticidade.

Livre de movimentos, a garotada, solta, em brincadeira não vigiada, arrancou-lhe as portas, despregou tábuas, desviou esteios, forçou barrotes, provocou a derrocada do velho e típico telhado.

Depois, aproveitando os materiais assim conseguidos, construiu uma barraca, apoiando-a no carcomido tronco de um castanheiro secular.

Os miúdos levaram horas, dias, pregando tábuas, inventando tabiques carregando caixotes e latas para utilização pueril na sua absorvente actividade.

Nem se sabe bem porquê, fizeram lume, atearam fogo à barraca e ao próprio castanheiro que lhe servira de amparo, puseram em perigo também as carvalhas, os pinheiros, todo o matagal circundante.

Poderia ter sido mais um novo foco de incêndio na serra e ali no povoado.

Quem deve ensinar os garotos a respeitarem as árvores?... E os palheiros?... E as casas?... E toda a propriedade particular ou comunitária?...

Quem?

MAR

São as asas feridas ensanguentadas
De um pássaro caído no areal húmido
No meio dos detritos trazidos pela Maré.

O piar pungente por entre o nevoeiro
Ecoando nos rochedos da solidão cinzenta.

A espuma evaporando-se e esvaindo-se
Em seu constante vai-vem na praia deserta.

Cada onda que à areia sua dádiva traz incansável
E de pronto recua, desfeita, até nova crista formar
E seu acto eternamente repetir.

Sou pássaro, sou voz, sou espuma,
Sou onda, sou crista (neste poema de desilusão e descrença).

AURA

GOTA—A—GOTA

A TELEVISÃO vem apresentando um programa em que, à guisa de divertimento, se visa, segundo parece, recordar a História de Portugal. Dir-se-ia que seria um propósito louvável, tanto mais que, neste ano de 1983, se realizou em Lisboa a XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, tendo como tema "Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento".

Seja qual for o ponto de vista ideológico dos historiadores, é certo que os Descobrimentos Portugueses mudaram a face do Mundo, tiveram repercussões na mentalidade dos povos, criaram novas concepções de vida.

E se mais mundo houvera lá chegara! — cantou Camões.

Mas o programa Vamos caçar mentiras, além de ser um erro pedagógico — porque não se ensina

a partir da mentira e as imagens visuais ou auditivas que se guardam na memória poderão vir a ser as da própria mentira — é uma verdadeira afronta à memória dos Grandes Portugueses. Estes são ridicularizados sem humor, nem engenho, nem arte. E para quê? Parece que, demagogicamente, se quer desmistificar figuras como a do Infante D. Henrique, a do próprio Infante Santo, a de D. João II, etc., para concluir que todo o mérito coube ao Povo Português.

Quanto a nós, apenas cumpre salientar que uma multidão não é um exército e que não se revelam gerais sem exército. O patriotismo e o sacrifício de muitos também beneficia, para se afirmar, do génio e do talento de alguns.

Pedro L. I. v. r.

VIDA

Areia
Ressequida,
Batida
Pelo sol,
Pântano
Imundo
Polvilhado
Pela chuva,
A vida
— felizmente! —
Ainda
Nos oferece
A contemplação
Da flor,
E pode ser,
Também,
HINO DE AMOR

ERALMA